

CONTRIBUIÇÃO DE PEDRO CARDOSO, 'SEU ROQUE', PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE INFANTIL NA ILHA DE SANTANA - AP

PEDRO CARDOSO CONTRIBUTION, 'SEU ROQUE', TO THE PROMOTION OF CHILD HEALTH ON SANTANA ISLAND - AP

Juliana de Lima Melo 1
Vitor Sousa Cunha Nery 2

Resumo: O estudo sobre Pedro Cardoso, conhecido como "Seu Roque", ressalta a importância das práticas tradicionais de cura na saúde da comunidade da Ilha de Santana, Amapá. Como benzedor, Seu Roque complementa os serviços de saúde convencionais e promove bem-estar e confiança entre os moradores. Suas habilidades no tratamento de doenças infantis o tornaram uma figura respeitada, evidenciando a interconexão entre cultura, saúde e comunidade. A metodologia da História Oral, ao valorizar vozes frequentemente marginalizadas (Thompson, 1992), permite uma narrativa rica e multifacetada. Essa abordagem qualitativa, conforme Denzin e Lincoln (2006), propicia uma compreensão mais profunda dos fenômenos sociais. O papel de Seu Roque vai além do alívio físico, oferecendo também conforto emocional e espiritual, fundamental para o bem-estar das famílias. Descolonizar a historiografia, conforme Dussel (1993), é essencial para reconhecer saberes tradicionais, desafiando narrativas dominantes e promovendo uma reflexão crítica sobre a colonialidade e suas implicações.

Palavras-chave: Práticas tradicionais. Benzedor. Cuidar da Infância. Ilha de Santana.

Abstract: The study of Pedro Cardoso, known as "Seu Roque," highlights the importance of traditional healing practices in the health of the community of Ilha de Santana, Amapá. As a healer, Seu Roque complements conventional health services and fosters well-being and trust among residents. His skills in treating childhood illnesses have made him a respected figure, showcasing the interconnection between culture, health, and community. The methodology of Oral History, by valuing voices often marginalized (Thompson, 1992), allows for a rich and multifaceted narrative. This qualitative approach, as noted by Denzin and Lincoln (2006), provides a deeper understanding of social phenomena. Seu Roque's role extends beyond physical relief, also offering emotional and spiritual comfort, which is fundamental to the well-being of families. Decolonizing historiography, as proposed by Dussel (1993), is essential to recognizing traditional knowledge, challenging dominant narratives, and fostering critical reflection on coloniality and its implications.

Keywords: Pedro Cardoso. Healer. Child Care. Santana Island.

- 1 Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP), 2023. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3587183391878986>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6180-3935>. E-mail: julianallsmelo@gmail.com
- 2 Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED-UFGPA, 2021). Professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Macapá, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9251181951280163>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1309-6094>. E-mail: vitor.nery@ueap.edu.br

Introdução

Este estudo destaca a importância de Pedro Cardoso, ou “Seu Roque”, como uma figura central na promoção da saúde na Ilha de Santana. Suas práticas de benzedura não apenas refletem uma rica herança cultural, mas também evidenciam a interconexão de saberes de diferentes origens, que se fundem para atender às necessidades da comunidade.

O cenário amazônico, com sua diversidade cultural e ambiental, serve como um pano de fundo ideal para a atuação de Seu Roque. Ele representa não apenas a medicina tradicional, mas um elo entre o conhecimento ancestral e as práticas contemporâneas de cuidado, criando um espaço onde as tradições são valorizadas e respeitadas.

As práticas de cura de Pedro Cardoso, ou “Seu Roque”, realmente refletem um retrato intrigante da “pluriversidade” religiosa e cultural do Brasil. A fluidez espiritual que ele incorpora, ao unir elementos católicos com influências afro-indígenas, exemplifica o sincretismo religioso, um fenômeno que tem sido fundamental na formação das tradições religiosas brasileiras ao longo da história.

Esse sincretismo não só enriquece as práticas de cura, como também destaca a resiliência das comunidades que, ao longo do tempo, adaptaram e integraram diversas crenças e práticas em resposta às suas necessidades e contextos. A fusão de diferentes tradições religiosas cria um espaço onde a espiritualidade é vivida de maneira dinâmica e multifacetada, permitindo que indivíduos como Seu Roque desempenhem papéis significativos na saúde e no bem-estar das comunidades.

A trajetória do benzedeiro, originário do distrito de Rio Macaco, no Pará, ilustra perfeitamente o papel vital que essas figuras desempenham na Ilha de Santana, no Amapá, especialmente no que diz respeito à saúde infantil. Seu reconhecimento pela comunidade é resultado de suas habilidades notáveis, que vão além das práticas tradicionais e se entrelaçam com a cultura local e as necessidades da população.

As contribuições desse benzedeiro são particularmente significativas em contextos em que o acesso à assistência médica é limitado. Em regiões carentes de serviços de saúde, ele se torna uma referência de cuidado e apoio, oferecendo tratamentos que, embora enraizados em tradições locais, têm um impacto real e positivo na vida das crianças e de suas famílias. Essa atuação não só preenche lacunas deixadas pelo sistema de saúde público, mas legitima saberes e práticas que muitas vezes são desconsiderados ou desvalorizados.

O benzedeiro, em sua prática e compromisso com a comunidade, frequentemente expressa um profundo senso de responsabilidade e conexão com as pessoas ao seu redor. Ele pode afirmar algo como:

“Minha maior satisfação, ao longo dos anos, como morador desta ilha, é testemunhar muitas daquelas crianças que, em algum momento, chegaram a mim chorando ou à beira da doença grave, agora brincando e felizes com a graça de Deus. Os adultos que vieram até mim, muitas vezes doentes e em busca de sustento, também melhoram, a vida na Ilha não é fácil” (Cardoso, Pedro, 2023).

A citação de Pedro Cardoso encapsula a essência de sua missão como benzedeiro e o impacto profundo que ele tem na vida da comunidade. Suas palavras refletem a alegria de ver a recuperação das crianças e adultos e ressaltam a força da esperança e da fé em momentos de dificuldades.

Ao mencionar as crianças que chegaram até ele em momentos de desespero, ele evidencia a vulnerabilidade e os desafios que muitas famílias enfrentam na Ilha de Santana. A transformação dessas crianças, de estado de dor e sofrimento para momentos de brincadeira e felicidade, é um testemunho poderoso da eficácia de suas práticas de cura e do papel que ele desempenha como figura de apoio e conforto. Em suma, as palavras de Pedro Cardoso refletem uma profunda compreensão da condição humana e da importância do amor e da compaixão na busca pela saúde e felicidade, reafirmando o papel essencial que ele desempenha na vida da Ilha de Santana.

A frase “Eu levo meu filho ao Seu Roque pra benzer” ressoa profundamente na comunidade, evidenciando a confiança que os pais depositam em suas habilidades e o papel fundamental que

ele desempenha na promoção da saúde infantil. Essa prática, comum na região ribeirinha, vai além de um simples ato de cura; é uma expressão de fé e de um modo de vida que valoriza os saberes tradicionais e a espiritualidade.

O interesse em investigar a vida e os saberes desse benzedeiro surge naturalmente da necessidade de valorizar e documentar essa riqueza cultural. O conhecimento que ele possui, que integra práticas de cura, tradições orais e uma profunda conexão espiritual, é um patrimônio que merece ser reconhecido e respeitado. Essa investigação não apenas ilumina a importância do sincretismo e das práticas de cura tradicionais, mas também contribui para a preservação da identidade cultural da região.

Ao identificar a presença e o impacto do benzedeiro na comunidade ribeirinha, a pesquisa tomou um caminho que buscava entender sua visão do mundo e contribuições para a saúde e a cultura local. Essa abordagem, inserida em um contexto mais amplo de exploração das dinâmicas educacionais e culturais na região amazônica, ofereceu uma oportunidade única de compreender e valorizar as conexões entre tradição, educação e bem-estar na vida dos habitantes da Ilha de Santana.

O benzimento, como prática cultural profundamente enraizada nas comunidades ribeirinhas, reflete a rica tapeçaria de saberes ancestrais dos povos indígenas da região amazônica. Essa tradição, que envolve pajés, benzedeiros, raizeiros e rezadores, é um testemunho da conexão íntima entre a cultura local, a natureza e a espiritualidade.

Esses praticantes são reconhecidos como guardiões de conhecimentos que foram transmitidos ao longo de gerações, e sua sabedoria abrange técnicas de cura e uma compreensão profunda das interações entre os seres vivos e o meio ambiente. Os rituais de benzimento, que incluem cantos e danças, são momentos de celebração e de invocação de forças espirituais, proporcionando um espaço sagrado onde a cura pode ocorrer.

A valorização do benzimento e de suas práticas culturais não só preserva essas tradições, mas também reforça a identidade cultural das comunidades ribeirinhas. Em um mundo onde os saberes ancestrais muitas vezes são desconsiderados, reconhecer e respeitar essas práticas é essencial para a promoção de um modelo de saúde que integra conhecimento tradicional e contemporâneo, contribuindo para o fortalecimento da cultura local e para o bem-estar da população.

Metodologia

A escolha por uma abordagem qualitativa para investigar os saberes do benzedeiro é fundamental, pois permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas culturais, sociais e espirituais que cercam essa figura de cura. Como destacam Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa busca captar os significados e as perspectivas dos indivíduos dentro de seus contextos naturais, o que é especialmente relevante em um estudo que envolve práticas tradicionais e saberes ancestrais.

A complexidade da experiência humana não pode ser totalmente capturada por métodos quantitativos, pois as nuances das relações interpessoais, as crenças e as tradições muitas vezes são melhor compreendidas através de narrativas e relatos. A abordagem qualitativa permite que os pesquisadores mergulhem nas vivências e nas histórias dos membros da comunidade, compreendendo como eles percebem e atribuem significado ao papel do benzedeiro em suas vidas.

Além disso, a pesquisa qualitativa possibilita uma análise reflexiva e interpretativa das práticas de benzimento, considerando aspectos como a espiritualidade, a identidade cultural e a interconexão entre os saberes tradicionais e as necessidades contemporâneas da comunidade. Essa abordagem é essencial para compreender não apenas o ato do benzimento em si, mas também o contexto social e cultural que o sustenta.

O foco na figura de Pedro Cardoso, ou Seu Roque, em seu estudo, é uma escolha significativa que ressalta a importância do saber popular e das práticas tradicionais na vida da comunidade da Ilha de Santana, no Amapá. Sua longa trajetória de 79 anos, marcada por uma rica experiência em benzimento, não apenas destaca sua relevância como benzedeiro, mas também enfatiza a sabedoria acumulada ao longo de décadas em um contexto cultural único.

Como um dos residentes mais antigos da Ilha de Santana, Seu Roque é, além de um praticante de benzimento, um vínculo vital entre o passado e o presente. Ele preserva e transmite conhecimentos ancestrais que, de outra forma, poderiam ser perdidos. Sua presença simboliza a continuidade das tradições indígenas e ribeirinhas, essenciais para a identidade cultural da região. O carinho e respeito que a comunidade demonstra por ele refletem a importância de suas contribuições para a saúde e o bem-estar coletivo.

A análise de sua trajetória permite explorar como um sujeito subalterno, frequentemente marginalizado em narrativas históricas mais amplas, se ergue como um pilar de resistência e cura em sua comunidade. O saber popular de Seu Roque, que integra conhecimento sobre plantas medicinais, rituais e práticas espirituais, se torna uma forma de resistência cultural em um mundo que muitas vezes valoriza apenas os saberes acadêmicos e científicos.

Este estudo não só ilumina a vida de Seu Roque, mas também contribui para uma maior valorização das práticas tradicionais e dos conhecimentos locais. Ao reconhecer sua importância, a pesquisa promove um diálogo necessário sobre a saúde, a cultura e a espiritualidade, evidenciando como esses elementos estão entrelaçados na vida das comunidades ribeirinhas.

Colocar Seu Roque no centro da análise abre um espaço crucial para refletir sobre a importância de respeitar e integrar saberes tradicionais nas abordagens contemporâneas da educação. Isso é especialmente relevante em contextos onde as práticas culturais e de cura, como o benzimento, são parte integrante da vida cotidiana das comunidades ribeirinhas.

A educação, em sua essência, deve ser um espaço de diálogo e troca de saberes. Ao incorporar a sabedoria de figuras como Seu Roque, as instituições educacionais podem enriquecer o currículo, promovendo uma aprendizagem significativa que valorize a cultura local e os conhecimentos ancestrais. Essa abordagem respeita a história e as tradições das comunidades, ajudando os estudantes a desenvolverem um senso de identidade e pertencimento.

A escolha da “História Oral” como metodologia para a pesquisa é, de fato, bastante pertinente, especialmente ao abordar a figura do benzedeiro e suas práticas culturais. Essa abordagem permite que se explorem as experiências e saberes de indivíduos que desempenham papéis significativos dentro de suas comunidades, oferecendo uma perspectiva rica e multifacetada sobre a cultura local.

A História Oral se destaca por sua capacidade de captar não apenas os eventos e práticas, mas também as emoções, percepções e significados que os sujeitos atribuem a essas experiências (Thompson, 1992). Ao ouvir as narrativas do benzedeiro, a pesquisa consegue desvendar as relações sociais, as crenças e os valores que permeiam o ato do benzimento, bem como suas implicações para a saúde e o bem-estar da comunidade. Essas narrativas são fontes valiosas de conhecimento que trazem à tona as tradições e as práticas que, muitas vezes, estão à margem das histórias contadas nas fontes acadêmicas e oficiais.

Além disso, ao centrar a pesquisa na voz do benzedeiro, a metodologia da História Oral valoriza a subjetividade e a individualidade, permitindo que o saber popular seja reconhecido e respeitado. Isso é fundamental para construir uma compreensão mais inclusiva das práticas culturais, que muitas vezes são invisibilizadas em narrativas dominantes.

Por meio da coleta e análise dessas histórias de vida, a pesquisa não apenas documenta saberes e experiências, como contribui para a preservação da memória coletiva da comunidade. A História Oral se torna um meio de resgatar e valorizar identidades culturais, promovendo um senso de pertencimento e continuidade entre as gerações.

A valorização das memórias e das práticas ancestrais, conforme defendido por Hampaté Bá (2010), é essencial para construir sociedades que reconheçam a uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e que prepare as novas gerações para enfrentar os desafios contemporâneos, mantendo-se conectadas com suas raízes e identidades.

Os estudos sobre benzimento e as práticas de cura de Seu Roque, fundamentados em abordagens subalternas e decoloniais, oferecem uma perspectiva crítica e enriquecedora para compreender a complexidade dessas tradições. Essas correntes teóricas desafiam as narrativas hegemônicas e promovem a valorização dos saberes e práticas que emergem de comunidades marginalizadas.

A teoria subalterna, de maneira particular, dirige seu enfoque à voz e à experiência de grupos

que, ao longo da história, foram sistematicamente silenciados ou marginalizados das narrativas hegemônicas (Spivak, 2014; Guha, 2002; Chakrabarty, 1992). Ao aplicar essa perspectiva ao estudo do benzimento, a pesquisa reconhece o papel central de Seu Roque como agente cultural, e também busca entender as dinâmicas sociais, culturais e históricas que moldam sua prática. Isso implica uma desconstrução das visões ocidentais sobre a saúde e a medicina, valorizando abordagens tradicionais que muitas vezes são desconsideradas ou deslegitimadas.

Por outro lado, as perspectivas decoloniais vão além da crítica ao colonialismo; elas propõem uma reavaliação dos sistemas de conhecimento e das hierarquias que os sustentam (Dussel, 2003; Mignolo, 2014; Quijano, 2010). Nesse contexto, o benzimento é visto como uma prática de cura, como um sistema de conhecimento que possui sua própria lógica e validade. Ao integrar esses saberes na discussão sobre saúde e bem-estar, a pesquisa contribui para uma visão mais plural e inclusiva, que reconhece a diversidade das práticas de cura e suas interconexões com a identidade cultural.

Essas abordagens teóricas também abrem espaço para um diálogo mais amplo entre diferentes saberes, permitindo a construção de um entendimento mais rico sobre a relação entre educação, saúde, cultura e comunidade. Ao fundamentar o estudo em teorias subalternas e decoloniais, a pesquisa sobre o benzimento de Seu Roque valoriza as práticas tradicionais, desafiando as narrativas hegemônicas que muitas vezes tentam deslegitimar esses saberes.

Respeitar às normas éticas em pesquisas que envolvem participantes humanos é fundamental, especialmente quando se trata de indivíduos como o benzedeiro, cuja idade avançada e limitações visuais podem demandar cuidados adicionais. A solicitação de autorização ao benzedeiro e a atuação de sua filha, Maristela Nunes Cardoso, como intermediária, são passos cruciais para garantir que o participante esteja plenamente informado sobre a pesquisa e que sua dignidade seja respeitada.

A aprovação da família para a continuidade da pesquisa e o uso dos relatos reforçam a importância de um processo ético que considera não apenas o bem-estar do participante, mas também a sua representação e voz dentro do estudo. Isso é especialmente relevante em contextos em que saberes tradicionais e práticas culturais podem ser frequentemente marginalizados ou mal interpretados.

A comunicação clara sobre a natureza do estudo, realizada pela intermediária, é essencial para assegurar que a família compreenda os objetivos da pesquisa, bem como o contexto em que os relatos serão utilizados. Essa abordagem fortalece a transparência, promovendo a confiança entre os pesquisadores e a comunidade, criando um ambiente que valoriza o consentimento informado.

Além disso, a ênfase no respeito à dignidade do participante é um princípio ético central que deve pautar toda a pesquisa. Isso inclui não apenas a consideração das condições pessoais e limitações do benzedeiro, mas também a valorização de sua experiência e saberes, reconhecendo-o como um agente ativo na construção do conhecimento.

Saberes e práticas ancestrais na Amazônia

A Amazônia, como a maior floresta tropical do mundo, é de fato um vasto repositório de biodiversidade e um espaço rico em história cultural, especialmente entre os povos ribeirinhos que habitam suas margens. Esses grupos, que desenvolvem práticas de subsistência sustentáveis, possuem um conhecimento profundo sobre o ambiente natural, que é frequentemente ignorado ou subestimado em favor de uma perspectiva eurocêntrica que historicamente dominou as narrativas sobre a região.

No contexto do Amapá, a Ilha de Santana se destaca como um exemplo notável dessa rica herança cultural, abrigando aproximadamente 2.689 habitantes (IBGE, 2010). A ilha abriga uma diversidade de espécies naturais, e **é um espaço onde práticas tradicionais de pesca e agricultura são mantidas e valorizadas. Essas práticas não são apenas formas de sustento; elas carregam significados culturais profundos e são transmitidas através de gerações, refletindo a relação íntima entre os ribeirinhos e o ambiente em que vivem.**

Ao trazer à tona as histórias e experiências dos povos ribeirinhos, como os da Ilha de Santana, é possível desafiar a narrativa colonial que frequentemente marginaliza esses saberes e práticas. Isso não apenas enriquece o entendimento da biodiversidade amazônica, como ressalta

a importância da cultura local na preservação e no manejo sustentável dos recursos naturais da região.

O acesso à Ilha de Santana, com seu cenário bucólico e sereno, proporciona uma imersão na simplicidade da vida de seus habitantes, que se caracteriza por uma harmonia com o ambiente natural. As interações de campo com os catraieiros, que são os pescadores e agricultores locais, revelam suas histórias pessoais e a riqueza cultural que compõe a identidade da comunidade.

Assim, a Ilha de Santana se revela não apenas como um espaço físico, mas como um repositório vivo de cultura e saberes, onde a simplicidade da vida cotidiana é entrelaçada com uma rica herança cultural. A presença do benzedeiro e as interações com os catraieiros ilustram a vitalidade desses conhecimentos ancestrais, essenciais para a identidade da comunidade e para a preservação da biodiversidade local. Essa conexão entre passado e presente, entre natureza e cultura, é o que torna a Ilha de Santana um lugar único e significativo.

A figura do benzedeiro local, como guardião dos saberes ancestrais, emerge como um símbolo poderoso dessa conexão com a natureza e a cultura. O benzedeiro não é apenas um praticante de rituais de cura; ele representa a continuidade de práticas espirituais e de cura que têm profundas raízes na história da ilha. Seu papel é fundamental para a preservação das tradições, pois ele transmite conhecimentos que vão além das práticas de benzimento, incorporando elementos de espiritualidade, medicina tradicional e sabedoria sobre o ambiente.

A trajetória de Seu Roque e das comunidades ribeirinhas é um poderoso testemunho da resiliência humana frente às adversidades históricas. Essas comunidades, frequentemente marginalizadas e subestimadas, têm enfrentado desafios significativos ao longo do tempo, incluindo a exploração de seus recursos naturais, a imposição de culturas externas e a luta pela preservação de suas tradições.

A resistência e a adaptação que caracterizam a vida de Seu Roque e de seus semelhantes são reflexos de uma força coletiva que busca não somente sobreviver, mas também prosperar em meio a essas dificuldades. Nesse contexto, a relevância da descolonização se torna ainda mais evidente. A descolonização, entendida como um processo de libertação das estruturas de poder e conhecimento impostas por narrativas coloniais, é essencial para que as comunidades ribeirinhas reivindiquem e valorizem suas próprias histórias, práticas e saberes. Ao recuperar e reafirmar sua identidade cultural, essas comunidades desafiam as visões eurocêntricas, que historicamente as silenciaram, e promovem um diálogo mais equitativo e respeitoso com o mundo contemporâneo.

O papel de Seu Roque, como benzedeiro e guardião dos saberes ancestrais, exemplifica essa luta pela valorização do conhecimento tradicional. Sua prática não é apenas uma forma de cura, mas também um ato de resistência cultural, que se fundamenta na sabedoria acumulada ao longo de gerações. Por meio de suas ações, ele contribui para a preservação da identidade ribeirinha e para a construção de um sentido de pertencimento e comunidade.

A educação, ao se alinhar a outras formas de produzir e adquirir conhecimento, deve realmente desafiar os paradigmas históricos e sociais que foram impostos ao longo do tempo. Essa abordagem crítica é essencial para criar um ambiente educacional mais inclusivo e representativo, que valorize a diversidade de saberes e experiências. A citação de Oliveira (2021, p. 27), que destaca a importância de “libertar posturas e libertar pensamentos,” reflete a necessidade de um movimento de descolonização no campo educacional.

Descolonizar a educação implica reconhecer e respeitar a alteridade — a diversidade de perspectivas e experiências que existem além das narrativas dominantes. Isso significa integrar conhecimentos tradicionais, como os dos povos ribeirinhos e de outras comunidades marginalizadas, no currículo educacional. Ao fazer isso, a educação se torna um espaço onde diferentes vozes são ouvidas e valorizadas, promovendo um diálogo mais rico e multifacetado.

Incorporar esses saberes de benzedeiros locais na educação ribeirinha é uma estratégia poderosa para fortalecer a identidade cultural das comunidades. Ao integrar práticas e conhecimentos locais no currículo escolar, os educadores ajudam a valorizar a sabedoria tradicional, promovendo um sentimento de pertencimento e orgulho nas novas gerações. Essa valorização resgata a história e a cultura local e contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde diferentes formas de conhecimento são respeitadas e reconhecidas.

Além disso, essa abordagem educacional pode incentivar o diálogo intercultural, permitindo

que os estudantes compreendam e apreciem a diversidade de saberes existentes. A educação que respeita e incorpora a cosmovisão ribeirinha promove uma formação mais crítica e consciente, preparando os jovens para serem agentes de mudança em suas comunidades.

O benzimento praticado por Seu Roque é, de fato, uma expressão rica e multifacetada das tradições ribeirinhas, que entrelaça rituais, conhecimentos culturais, espirituais e terapêuticos. Essa prática não se restringe a um simples ato de cura; é uma manifestação profunda de uma cosmovisão que reconhece a interdependência entre o ser humano, a natureza e o universo espiritual.

A conexão de Seu Roque com a comunidade também é um aspecto importante de sua prática. O benzimento muitas vezes ocorre em um contexto comunitário, onde o ato de curar se torna um momento de união e suporte mútuo. Essa dimensão social do benzimento reforça laços comunitários e promove um ambiente onde o cuidado e a solidariedade são valorizados.

A combinação de elementos tradicionais e espiritualidade nas práticas de benzimento, como exemplificado por Seu Roque, desempenha um papel crucial na preservação cultural e na promoção da cura nas comunidades ribeirinhas. Conforme apontado por Brandão (2006), essas práticas não são apenas formas de tratamento, mas também rituais que carregam significados profundos, refletindo a identidade e as crenças coletivas de um povo.

A imortalidade do saber humano, de fato, é preservada por meio da transmissão oral e da prática cotidiana, como ilustrado pela trajetória de vida de Seu Roque. Seu papel como benzedor exemplifica a educação informal, destacando uma forma dinâmica e interativa de aprendizado que vai além das paredes da sala de aula. Essa educação se fundamenta na experiência direta e nas relações interpessoais, onde o conhecimento é repassado de forma orgânica e contextualizada.

Cada palavra e gesto de Seu Roque durante os rituais de benzimento carrega significados profundos, imbuídos de emoção e espiritualidade. Esses elementos refletem a sabedoria acumulada ao longo de gerações e estabelecem uma conexão vital com o conhecimento ancestral que molda a identidade cultural da comunidade. A prática cotidiana do benzimento torna-se, assim, um meio de reafirmar valores, tradições e cosmovisões que são essenciais para a vida comunitária.

A transmissão oral, como um método de ensino, é fundamental nesse contexto, pois permite que histórias, ensinamentos e práticas sejam compartilhados de forma viva e envolvente. Isso cria um ambiente em que a aprendizagem se dá de maneira contínua e adaptativa, respondendo às necessidades e desafios do presente enquanto honra o passado. A interação entre os membros da comunidade, especialmente entre as gerações mais velhas e mais jovens, é crucial para manter essa sabedoria viva e relevante.

Além disso, a valorização do conhecimento tradicional e das práticas informais de aprendizado, como as que Seu Roque representa, é essencial para a resistência cultural e a promoção da identidade local. Em um mundo que frequentemente busca padronizar e homogeneizar saberes, a preservação dessas práticas se torna um ato de afirmação e resistência, promovendo a diversidade cultural e a riqueza das experiências humanas.

Entrelaçando ribeirinhos: reflexões decoloniais sobre benzimento, fé e cura na vida fluvial

A trajetória de Seu Roque e das comunidades ribeirinhas é, sem dúvida, um poderoso exemplo de resiliência e resistência. Essa resiliência não se limita apenas à sobrevivência diante das adversidades, mas se manifesta na capacidade de reimaginar e revitalizar saberes e práticas que foram historicamente marginalizados. Nesse contexto, a descolonização emerge como um processo vital, que vai além da mera crítica ao colonialismo; trata-se de uma reavaliação profunda das identidades e das narrativas que moldam a vida dessas comunidades.

Ao romper com as estruturas coloniais, as comunidades ribeirinhas são convidadas a reconhecer e valorizar suas tradições autóctones, que são detentoras de conhecimentos que vão desde práticas medicinais até modos de vida sustentáveis. Esse resgate se torna um ato de empoderamento, permitindo que as comunidades preservem sua herança cultural e a utilizem como uma ferramenta de enfrentamento dos desafios contemporâneos, como as mudanças climáticas e a degradação ambiental.

A proposta de uma educação que se alinha a formas alternativas de produzir e adquirir conhecimento é crucial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Essa perspectiva desafia as narrativas hegemônicas e eurocêntricas, permitindo que as vozes das comunidades marginalizadas, como as ribeirinhas, sejam ouvidas e valorizadas. Ao adotar essa abordagem, a educação se torna um espaço de diálogo, onde saberes de “outros” são incorporados, respeitando a diversidade cultural e reconhecendo a riqueza das experiências vividas.

A práxis dusseliana, que enfatiza a necessidade de (de)colonização, nos convida a refletir sobre a importância de libertar pensamentos e posturas que perpetuam a opressão e a exclusão. A ideia de “decolonizar-se” implica um movimento ativo de reconhecimento da alteridade, promovendo um pluralismo que enriquece o campo do conhecimento. Isso significa não apenas criticar as estruturas de poder que moldaram o saber, mas também abrir espaço para a valorização das práticas, das culturas e das histórias que emergem das “periferias” do saber (Dussel, 1993).

Nesse sentido, a educação deve se constituir como um veículo para a descolonização das mentes e dos corações, promovendo uma aprendizagem que respeite e celebre a diversidade. Isso inclui a integração de saberes indígenas, afrodescendentes e de comunidades ribeirinhas, que muitas vezes contêm conhecimentos essenciais sobre a natureza, a saúde e a convivência social (Oliveira, 2021, p. 27).

A distinção proposta por Dussel entre descolonização e decolonização é fundamental para entender as diferentes dimensões da luta contra a opressão colonial. A descolonização, no sentido político e jurídico, refere-se à emancipação de um território e de sua população da dominação colonial, buscando a independência e a construção de novas estruturas sociais, econômicas e legais. Este processo é essencial para a autodeterminação e a soberania das nações que foram colonizadas, permitindo-lhes afirmar sua identidade e seus direitos.

Por outro lado, a decolonização vai além da mera libertação territorial; ela aborda uma transformação mais profunda que se concentra na libertação do pensamento e da cultura. Esse aspecto envolve um exame crítico das formas de conhecimento e das narrativas que foram impostas durante a colonização, que frequentemente perpetuam a desigualdade e a exclusão. A decolonização, nesse contexto, busca desconstruir essas estruturas mentais e culturais, promovendo uma reavaliação dos saberes e das práticas que emergem das culturas locais e marginalizadas.

Esse processo é essencial para a construção de uma sociedade mais justa, onde a diversidade cultural e as diferentes formas de conhecimento são valorizadas. A decolonização também implica uma reconfiguração das relações de poder, permitindo que as vozes dos oprimidos sejam ouvidas e respeitadas. Ao libertar-se das amarras da colonialidade do poder, as comunidades podem reinventar suas identidades, práticas e histórias, criando uma nova narrativa que reflita suas realidades e aspirações.

A descolonização, enquanto empreitada intelectual e sociopolítica, realmente demanda uma análise crítica e abrangente das estruturas que fundamentam a ordem mundial contemporânea. A independência política das antigas colônias é apenas o primeiro passo em um processo mais complexo que envolve a reavaliação das narrativas e dos paradigmas que moldam a sociedade atual. Nesse contexto, a desconstrução das formas de pensamento e dos conhecimentos impostos pela colonialidade do poder se torna uma tarefa fundamental, uma vez que essas estruturas frequentemente perpetuam a dominação e a exploração.

A pesquisa sobre a interconexão entre descolonização e desconstrução, especialmente no que tange às práticas culturais do benzimento, é particularmente relevante. O benzimento, uma prática de cura tradicional muito presente em diversas comunidades, especialmente entre afrodescendentes e ribeirinhos, representa um conhecimento que foi historicamente marginalizado e deslegitimado pela medicina convencional e pelos saberes ocidentais. Essa prática, no entanto, é um reflexo profundo da sabedoria ancestral e da cosmovisão de comunidades que buscam a saúde e o bem-estar de forma integrada à sua cultura e espiritualidade.

Ao explorar essas práticas culturais, a pesquisa pode revelar como o benzimento não é apenas um ato de cura, mas também um ato de resistência e afirmação identitária. O reconhecimento e a valorização dessas tradições são essenciais para a descolonização do conhecimento, pois desafiam a hegemonia de narrativas que desconsideram as contribuições das culturas subalternizadas.

Ademais, a desconstrução das narrativas coloniais e a valorização de práticas como o

benzimento podem contribuir para a subversão das estruturas que sustentam a dominação global. Isso implica criar espaços onde saberes locais sejam legítimos e respeitados, promovendo um diálogo entre diferentes formas de conhecimento e uma maior inclusão das vozes historicamente silenciadas.

Os benzedeiros, como figuras centrais nas comunidades ribeirinhas, desempenham um papel multifacetado que vai muito além da cura física. Eles são guardiões de saberes tradicionais que abraçam as dimensões físicas, emocionais e espirituais da saúde, refletindo uma abordagem holística que é intrínseca à cultura ribeirinha. Suas práticas de benzedura, impregnadas de significados culturais e espirituais, revelam uma cosmovisão que enfatiza a interconexão entre os seres humanos, a natureza e o sagrado.

A decolonialidade do saber se apresenta como uma estrutura teórica rica que permite uma compreensão mais profunda da importância dessas práticas. Ao reconhecer e valorizar os saberes dos benzedeiros, essa abordagem desafia as hierarquias de conhecimento que frequentemente marginalizam as tradições locais em favor de paradigmas ocidentais. A valorização da benzedura não é apenas um reconhecimento das práticas de cura, mas uma afirmação da identidade cultural e da autonomia das comunidades ribeirinhas.

Os saberes de cura dos benzedeiros desempenham um papel vital não apenas na saúde física e espiritual das comunidades ribeirinhas, mas também na revitalização de suas identidades culturais e na promoção da justiça epistêmica. Essa justiça se refere à valorização e legitimidade dos conhecimentos locais, que muitas vezes foram desconsiderados ou marginalizados pela epistemologia eurocêntrica.

A desconstrução dos paradigmas de conhecimento hegemônico é uma tarefa essencial para desafiar a narrativa dominante que perpetua a ideia de que o conhecimento científico ocidental é universal e superior. Essa visão deslegitima as formas de saber locais, as apresentando como inferiores e rudimentares, contribuindo para a repressão das culturas que não se alinham aos padrões ocidentais de racionalidade e objetividade. Como apontado por Rivera (2010), essa epistemologia eurocêntrica tem sido um mecanismo de opressão, que historicamente silenciou as vozes e os saberes das sociedades colonizadas.

A sabedoria de Pedro Cardoso, como benzedeiro, reflete uma profunda conexão com o cotidiano e a natureza, manifestando-se na sua habilidade em utilizar plantas medicinais e compreender as energias que permeiam o universo. Essa relação íntima com o ambiente natural não é apenas um aspecto de sua prática de cura, mas também um componente essencial de sua identidade como educador.

Como 'proto-educador'¹, Pedro Cardoso desempenha um papel crucial na transmissão do conhecimento tradicional. Ele não só acolhe os ensinamentos dos mais velhos, respeitando a sabedoria acumulada ao longo das gerações, mas também se compromete a compartilhar esses saberes com os mais jovens. Essa troca intergeracional é fundamental para a preservação e revitalização das práticas culturais, garantindo que a chama do conhecimento tradicional permaneça acesa.

Além disso, o papel de Pedro como educador vai além da mera transmissão de técnicas de cura. Ele ensina sobre a importância da relação harmoniosa com a natureza, a espiritualidade e a comunidade, promovendo uma visão holística da saúde que integra corpo, mente e espírito. Essa abordagem fortalece a identidade cultural da comunidade, empoderando os jovens a se tornarem agentes de mudança, capazes de valorizar e praticar os saberes que são parte intrínseca de sua herança.

No cerne do benzimento, a linguagem utilizada pelo benzedeiro é fundamental, funcionando como um veículo de comunicação que transcende o simples ato de cura. As palavras entoadas, acompanhadas de melodia e ritmo, são mais do que meros comandos; elas constituem um ritual profundamente enraizado na tradição oral, passando de geração em geração. Essa prática carrega

¹ O termo "proto-educador" refere-se a indivíduos que atuam na educação informal, transmitindo conhecimentos e valores culturais antes da formalização da educação. Esses educadores são fundamentais para a formação da identidade e coesão social nas comunidades. Juan Antonio Muñoz, em "Educación para la ciudadanía", destaca que reconhecer a importância da educação não resolve questões cruciais sobre seus objetivos e métodos. Assim, é vital discutir esses aspectos, enfatizando o papel dos proto-educadores na prática educativa comunitária (Martínez Muñoz, J. A., 2007).

uma carga emocional e espiritual única, que se entrelaça com a história e a cultura da comunidade.

As entoações e os diálogos realizados durante o benzimento representam uma jornada através das paisagens do saber, revelando as conexões intrínsecas entre o conhecimento, a espiritualidade e a identidade cultural. Cada palavra, gesto e experiência se entrelaçam em um concerto harmonioso que perpetua o conhecimento. Como destacado por Brandão (2006), essa tapeçaria do entendimento humano é tecida com linhas invisíveis que conectam o passado e o presente, o individual e o coletivo, o físico e o espiritual.

Além disso, a linguagem do benzimento é um reflexo da cosmovisão da comunidade, onde os elementos da natureza, as energias e as forças espirituais se manifestam através das palavras. A forma como os benzedeiros articulam suas preces e intenções é, portanto, uma expressão rica de sua compreensão do mundo e de sua capacidade de interagir com ele.

A trajetória de vida de Seu Roque é um exemplo emblemático de como o benzimento e os saberes tradicionais estão profundamente entrelaçados com as experiências cotidianas e as vivências pessoais. Desde a infância, ele cultivou uma profunda fé que o guiou em sua jornada, moldando sua prática de benzimento e sua compreensão do mundo ao seu redor. Suas ocupações na juventude, como barqueiro, pescador e operador de máquinas pesadas na Ilha de Santana, enriqueceram seu repertório de experiências e fortaleceram sua conexão com a natureza e a comunidade.

A transmissão de saberes entre as gerações, que ocorre principalmente pela história oral, destaca a importância da educação informal. Essa forma de aprendizado é caracterizada pela partilha de fazeres, costumes e conhecimentos sobre as doenças, que são passados de um membro da família ou da comunidade para outro. Assim, a educação que Seu Roque recebeu e agora perpetua transcende o ambiente escolar convencional, sendo baseada em experiências práticas e nas ricas relações interpessoais que se formam ao longo da vida.

A educação fora dos espaços formais, como bem coloca Gonh (2006), acontece no “mundo da vida”, onde as experiências práticas e o desenvolvimento de habilidades dialogam diretamente com o cotidiano das pessoas. Isso é particularmente evidente nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, onde o saber do ribeirinho se revela como um conhecimento dinâmico e adaptado às realidades locais, transcendendo os limites da educação convencional. Essa forma de saber enriquece a formação cidadã, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica do mundo.

Os benzedeiros, ao se atribuírem a prática de curar, não apenas exercem um papel de curadores, mas também de educadores. Eles compartilham suas perspectivas sobre condições como “quebranto” e “mal olhado”, que são compreendidas dentro de uma cosmovisão que integra aspectos físicos, emocionais e espirituais da saúde. Ao abordar essas condições, os benzedeiros enfatizam a importância de técnicas específicas de benzedura, que muitas vezes são passadas oralmente e envolvem rituais que vão além da simples aplicação de remédios.

Benzedeiro Seu Roque: (Vizinha), as doenças que nós tratamos, como o “quebranto”, o “peito aberto” e o “mal olhado”, são que afetam tanto o corpo quanto a alma. Para curá-los, eu uso as rezas que aprendi na igreja e com meus tios e mãe. Por exemplo, para quebranto, eu faço o sinal da cruz na testa da pessoa e rezo três vezes, pedindo a Deus que leve embora todo o mal, uso camisas de santo que são abençoadas e um óleo especial para as orações. Já para o peito aberto, com uma reza forte, massagem no peito da pessoa para aliviar o desconforto. E para o mal olhado, é preciso uma medalha que tenho e duas rezas bem poderosas, sempre pedindo a proteção divina (Cardoso; Pedro, 2023).

A citação do benzedeiro Seu Roque revela a intersecção entre a espiritualidade e a saúde, refletindo uma prática tradicional de cura que abrange tanto aspectos físicos quanto emocionais. Os termos “quebranto”, “peito aberto” e “mal olhado” são expressões de crenças populares que simbolizam doenças ou desconfortos atribuídos a influências externas, como a energia negativa ou a inveja. Essa visão holística da saúde sugere que os problemas não são meramente físicos, mas também espirituais, o que é característico de muitas práticas de cura populares e folclóricas.

O uso de rezas e objetos sagrados, como camisas de santo e óleo especial, indica uma forte conexão com a tradição religiosa e familiar. Os elementos do ritual, como o sinal da cruz e a repetição de orações, são formas de invocar proteção divina e afastar o mal, evidenciando a fé como um componente essencial no processo de cura. A prática de massagear o peito para aliviar o “peito aberto” mostra uma abordagem mais física, mas ainda dentro de um contexto espiritual, onde o toque e a intenção são fundamentais.

Além disso, a menção à medalha e às “duas rezas bem poderosas” para combater o mal olhado reforça a ideia de que a proteção espiritual é uma parte integral da saúde, enfatizando o papel da crença no bem-estar pessoal. Essa citação ilustra, portanto, uma prática cultural rica em simbolismos, onde a fé e a tradição não só oferecem consolo, mas também são vistas como meios eficazes de cura e proteção.

No contexto do imaginário popular, as doenças do benzedeiro são atribuídas a influências negativas como inveja e malefícios, buscando-se uma intervenção de benzedeiros para aliviar os sintomas através de práticas ritualísticas. Essas enfermidades refletem construções socioculturais que desafiam a compreensão científica tradicional. A vivência de Seu Roque, benzedor, entrelaça-se com experiências marcantes, incluindo uma “cirurgia espiritual”, revelando a interconexão entre suspeitas espirituais e suas práticas de cura, desafiando paradigmas ocasionais. Ele, então, relatou:

Benzedeiro Seu Roque: Ah, (Vizinha), foi uma experiência que nunca esqueci. Uma moradora da ilha sofreu muito com problemas nas pernas por causa do diabetes. Ela não conseguia andar e a dor era insuportável. Eu orei a Deus com toda a minha fé, pedindo Sua ajuda. Foi como se Ele guiasse minhas mãos, e eu soubesse exatamente onde perfurar a perna dela, como se fosse uma cirurgia espiritual. A mulher começou a melhorar imediatamente. Até a enfermeira, que não sabia mais o que fazer, veio até mim, maravilhada com a cura. Foi a graça de Deus satisfeita através de mim, (Vizinha), e é por isso que acredito que meu dom é um presente divino para ajudar as pessoas (Cardoso; Pedro, 2023).

A citação do benzedeiro Seu Roque oferece uma rica análise da intersecção entre fé, espiritualidade e práticas de cura popular. O relato é permeado por uma forte carga emocional e espiritual, evidenciando a crença do benzedeiro em sua habilidade de operar curas através de uma “cirurgia espiritual”. Essa noção implica uma compreensão de que a saúde não é apenas uma questão física, mas também espiritual, refletindo uma visão holística da doença e do bem-estar.

A descrição da dor intensa e da incapacidade da moradora da ilha estabelece um contexto de desespero, onde as intervenções tradicionais de saúde parecem insuficientes. A fé desempenha um papel central na prática de Seu Roque, que, ao orar a Deus, busca uma conexão divina que o guia em sua atuação. A frase “Foi como se Ele guiasse minhas mãos” sugere um estado de transe ou inspiração, onde ele se sente como um instrumento nas mãos de uma força superior, o que é um tema comum em muitas tradições de cura espiritual.

A transformação imediata da paciente, que começa a melhorar logo após a intervenção, serve como um testemunho da eficácia da prática de Seu Roque, não apenas para a moradora, mas também para a enfermeira, que simboliza a medicina convencional. A sua admiração revela uma quebra nas expectativas, onde a cura espiritual desafia as limitações da medicina tradicional, gerando uma sensação de maravilhamento e validação do trabalho do benzedeiro.

Ao afirmar que “a graça de Deus satisfeita através de mim”, Seu Roque não apenas reconhece sua habilidade, mas também a vê como um dom divino, reforçando a ideia de que sua prática é uma vocação. Essa crença no caráter sagrado de sua habilidade de curar destaca a importância do reconhecimento social e da aceitação cultural das práticas benzedeiros.

As chamadas “cirurgias espirituais” são procedimentos que se baseiam em crenças religiosas e espirituais, onde se acredita que um praticante ou médium, frequentemente considerado um intermediário entre o mundo espiritual e o físico, realiza intervenções cirúrgicas não invasivas, envolvidas na cura de enfermidades físicas ou espiritual (Ferreira, 2020).

As práticas de benzimento e cura espiritual suscitam diversas percepções na sociedade, com

ceticismo e fé coexistindo. No imaginário ribeirinho, as cirurgias espirituais são percebidas como extensões das práticas de benzedura, refletindo convicções profundas nas influências espirituais sobre a saúde. Essa dualidade de perspectivas destaca a complexidade das ideias espirituais na sociedade contemporânea.

Como parte de nossa conversa com Seu Roque sobre as doenças de benzedeiro, solicitamos que ele descrevesse algumas doenças e suas características. Com base nas explicações fornecidas por ele, elaboramos um quadro que apresenta suas percepções sobre cada uma dessas doenças. Esse quadro contribui para um melhor entendimento das crenças e práticas relacionadas à saúde e ao cuidado na comunidade ribeirinha.

Segundo Seu Roque, as doenças tratadas por benzedeiros têm características distintas. A Espinhela Caída envolve o deslocamento dos ossos das costas, causando dores e dificuldade de movimento, e é tratada com técnicas de “puxamento”. O Peito Aberto refere-se a uma abertura no peito que permite a entrada de energias negativas, resultando em desconforto e ansiedade, tratado por rezas e manobras para “fechar” o peito. O Quebranto é uma desarmonia energética, frequentemente causada pela inveja, que provoca febre e irritabilidade, sendo tratado com receitas e banhos de ervas. Finalmente, o Mal-Olhado resulta de energias negativas oriundas do olhar invejoso, manifestando-se em sintomas como azia e fraqueza, e é tratado com rezas específicas (Melo, 2023).

As comunidades ribeirinhas frequentemente enfrentam desafios significativos em relação ao acesso a serviços de saúde adequados. As distâncias geográficas, a precariedade das infraestruturas e a escassez de profissionais de saúde resultam em uma dependência maior de conhecimentos tradicionais, incluindo o uso de plantas e ervas medicinais. Esses recursos naturais não apenas oferecem soluções para problemas de saúde comuns, mas também representam uma forma de resistência cultural e preservação do saber ancestral. Assim, o uso de ervas medicinais se torna uma estratégia fundamental para garantir a saúde e o bem-estar das crianças nessas comunidades, contribuindo para a construção de um sistema de saúde mais resiliente e integrado às práticas locais (Guimarães, 2020).

Esse contexto ressalta a importância de reconhecer e valorizar os saberes tradicionais, que são essenciais para a saúde pública, especialmente em lugares onde as opções convencionais são limitadas. O conhecimento sobre plantas medicinais, transmitido de geração em geração, não apenas atende a necessidades imediatas, mas também fortalece a identidade cultural e a autonomia das comunidades ribeirinhas. Portanto, é fundamental que políticas de saúde considerem e integrem essas práticas tradicionais, promovendo um atendimento mais abrangente e efetivo para a população infantil.

Na Região Norte, uma investigação realizada com pescadores ribeirinhos do Rio Machado do Ji-Paraná, no estado de Rondônia, apontou que, ao buscarem um serviço de saúde, os maiores problemas enfrentados foram a falta de médicos especialistas, a demora para marcar consultas e exames específicos e a falta de medicamentos nas UBS (Guimarães, p.2, 2020).

Tendo isso em vista, perguntamos ao Seu Roque sobre plantas e ervas medicinais que podem ser usadas no tratamento de enfermidades em crianças e de adultos da comunidade. Ele acredita que o óleo de andiroba, extraído das sementes, é eficaz para aliviar dores musculares e articulares, além de ter propriedades anti-inflamatórias. A unha-de-gato é valorizada por Seu Roque como uma erva poderosa, recomendando infusões de suas raízes e cascas para fortalecer o sistema imunológico e combater inflamações. O boldo é utilizado em chás que auxiliam na digestão e aliviam problemas estomacais, enquanto a arnica é preparada em pomadas para aliviar dores e acelerar a recuperação de contusões (Melo, 2023).

Destaca-se nesse quadro a importância das práticas e saberes de Seu Roque, benzedeiro da comunidade ribeirinha, que não apenas tratam de doenças, mas também expressam uma cosmovisão rica e complexa. Essa perspectiva reflete a interconexão entre o físico, o espiritual e o cultural, evidenciando como as convenções utilizadas por ele são profundamente enraizadas na

cultura local. Cada gesto e objeto em sua prática possui significados específicos que dialogam com a tradição e a identidade da comunidade.

A figura do benzedeiro é central nesse contexto, pois representa um conhecimento que transcende as abordagens científicas convencionais. Os ribeirinhos, através de suas experiências e de sua relação única com a natureza, acumulam saberes que são fundamentais para a sua sobrevivência e bem-estar. Essa relação com o ambiente é vista como sagrada, enfatizando a interdependência entre todos os seres, o que se opõe à visão muitas vezes fragmentada da natureza promovida pela ciência ocidental.

A conexão com a ideia de “invenção do cotidiano” proposta por Certeau (1980) é crucial, pois as práticas diárias dos ribeirinhos servem como espaços de resistência e aprendizado. Essas atividades não são apenas rotineiras, mas são oportunidades para reinventar a identidade comunitária e criar significado em meio às adversidades. Assim, a valorização dessas práticas culturais é essencial para reconhecer a sabedoria que emerge do cotidiano e para promover uma educação mais inclusiva, que respeite e integre diferentes formas de conhecimento.

A atuação de Seu Roque vai além da mera cura física; ela abrange também aspectos emocionais e espirituais, promovendo um cuidado integral que considera o bem-estar das crianças e suas famílias. Esse enfoque é fundamental para a preservação da identidade ribeirinha e para o fortalecimento da autonomia local. As lições que surgem das práticas de Seu Roque evidenciam que a educação é um processo contínuo, que se estende além da sala de aula e se enriquece quando incorpora a diversidade de saberes presentes em diferentes contextos.

Considerações finais

O legado de Seu Roque realmente ressalta a importância dos saberes populares nas comunidades contemporâneas. Sua trajetória e práticas de benzimento não apenas ilustram a riqueza da sabedoria ancestral, mas também evidenciam como esses conhecimentos, frequentemente marginalizados, são fundamentais para a promoção da saúde e bem-estar coletivo.

Os saberes populares, como os que Seu Roque representa, são essenciais para a preservação da identidade cultural. Eles oferecem uma visão de mundo que valoriza a conexão com a natureza, a espiritualidade e a história da comunidade, contribuindo para um senso de pertencimento e continuidade. Em um contexto onde as culturas tradicionais muitas vezes enfrentam ameaças de extinção ou desvalorização, a prática do benzimento se torna um ato de resistência e afirmação cultural.

O exemplo de Seu Roque serve como um convite para valorizar e preservar esses tesouros culturais. É fundamental que as futuras gerações reconheçam a importância desses conhecimentos e práticas, não apenas como parte de sua herança cultural, mas também como recursos valiosos para enfrentar os desafios contemporâneos. Promover a educação sobre saberes populares, bem como sua inclusão em políticas de saúde e educação, pode ajudar a assegurar que esses legados sejam transmitidos e respeitados.

A passagem de Seu Roque, em janeiro de 2024, após seu 79º aniversário, marca não apenas a perda de um indivíduo, mas a continuidade de um legado que ressoa nas memórias e no impacto que ele deixou naqueles que o conheceram. Seu entusiasmo em compartilhar conhecimentos e sua capacidade de interagir de maneira alegre e acolhedora são testemunhos do valor do seu trabalho e do papel significativo que ele desempenhou na vida da comunidade.

Além disso, a ênfase em promover pedagogias inclusivas e respeitadas é crucial para garantir que esses saberes não sejam apenas preservados, mas também integrados à educação formal. Isso envolve a criação de espaços onde as vozes e experiências dos benzedeiros e das comunidades ribeirinhas sejam ouvidas e valorizadas, enriquecendo o aprendizado e promovendo uma compreensão mais ampla e diversificada do conhecimento.

A promoção de pedagogias que respeitem e integrem as diversas formas de saber é um passo importante para fortalecer a identidade cultural e a resiliência das comunidades. Isso contribui para a valorização das tradições locais e fomenta um diálogo intercultural, onde diferentes formas de conhecimento podem coexistir e se complementar.

Referências

- BRANDÃO, C. R. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- CHAKRABARTY, Dipesh. Postcoloniality and the artifice of history: who speaks for 'Indian' pasts? **Representations**, n. 37, p. 1-26. Special Issue: Imperial Fantasies and Postcolonial Histories. University of California Press, 1992.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- FERREIRA, Sérgio Baetta. **As cirurgias espirituais no contexto espírita paulista e a edificação hospitalar do Instituto Medicina do Além**. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.
- GUHA, Ranajit. **History at the limit of World-History**. New York: Columbia University Press, 2002.
- GUIMARAES, Ananias Facundes. *et al.* Acesso a serviços de saúde por ribeirinhos de um município no interior do estado do Amazonas, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saude**, [S.l.], v. 11, 2020. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232020000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 out. 2023. Epub 21-Maio-2020. ISSN 2176-6215. DOI: <http://dx.doi.org/10.5123/s2176-6223202000178>.
- HAMPATÉ BÁ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- MARTÍNEZ MUÑOZ, J. A. **Educación para la ciudadanía**. Madrid: Universidad Complutense, 2007.
- MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.
- OLIVEIRA NEVES, L. J. **Desconstrução da Colonialidade: Iniciativas Indígenas na Amazônia**. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1302>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 84-130.
- RIVERA CUSICANQUI, Silvia. Ch'ixinakax utxiwa. **Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

Recebido em 18 de dezembro de 2023.

Aceito em 23 de fevereiro de 2024.